

Protestos de Seattle a Belo Horizonte: uma nova forma de se fazer democracia

Vanessa de Vasconcellos Lemgruber da França¹

Introdução: A eclosão de manifestações em diferentes partes do mundo deixa claro que há uma crise de representatividade global e que novas formas de se fazer política são necessárias. O cidadão se vê cada vez mais apartado do exercício da cidadania e a democracia se vê prejudicada. O presente artigo busca demonstrar que a democracia pode ser alcançada mediante mudanças na relação entre governantes e governados. Inicialmente, será feita uma retomada da Batalha de Seattle para, em seguida, ser analisadas as Jornadas no Brasil.

Busca-se demonstrar que, a partir dessas manifestações populares, formas alternativas de ações políticas surgem, como as Assembleias Populares de Belo Horizonte, um fórum de diálogo horizontal com construção de pautas para efetivas transformações.

Palavras-chave: manifestações – horizontalidade – Seattle – Brasil – Assembleia Popular

Abstract: The outbreak of protests in different parts of the world makes clear that there is a global crisis of representation and that this crisis confronts us with the necessity of new ways of doing politics. The citizen finds herself increasingly detached from the exercise of citizenship. As a result, democracy is damaged. This paper is structured in three parts: it summarizes the Battle of Seattle, it analyses its social and political impact; which is, in the third part, confronted to the impact of the June Journey in Brazil. The main goal of the paper is to show that alternative forms of political action arose from the Popular Assemblies in Belo Horizonte, which constituted new guidelines for effective political transformation.

Keywords: Riots - horizontality - Seattle - Brazil - Popular Assembly

SEATTLE: UM PARADIGMA DE MANIFESTAÇÕES E SEUS REFLEXOS

MANIFESTAÇÕES

Na manhã de uma terça-feira, no dia 30 de novembro de 1999, duas movimentações distintas se fizeram presentes na cidade de Seattle, nos Estados Unidos. Se de um lado, a Organização Mundial do Comércio reunia autoridades para decidirem, a portas fechadas, sobre o comércio global; de outro, a indignação

¹ Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais.

tomou conta das ruas com um protesto previamente arquitetado. Tais fatos, por si só, revelam as controvérsias desses dois grupos.

Se de um lado, os governantes já sabiam sobre o que iriam discutir; a manifestação das ruas possuía um caráter heterogêneo tanto em suas reivindicações como em sua forma de manifestar.

Conglomerando ambientalistas, anarquistas, trabalhadores sindicalizados, estudantes e humanistas, a batalha de Seattle foi um marco das manifestações. Não existia uma pauta uniformizada nem um partido apoiado, as multiplicidades que compõem a sociedade se faziam presentes nas revoltas no período da reunião da Organização Mundial do Comércio em 1999. O que revela uma característica peculiar desse grupo, pois apesar de sua espontaneidade e diversidade de pautas, apresentou um objetivo coletivo em comum, o protesto que se fez presente em face da Organização Mundial do Comércio e o impacto de suas decisões em âmbito global, como também, regional.

A verdadeira magia e importância de Seattle (Hardt & Negri, 2005.p.364) reside em seu funcionamento como “centro de convergências” para todas as queixas ao sistema global, em suas facetas financeiras e, também, eco-sociais. As queixas trazidas pelos manifestantes eram diversas: contra as gigantes corporações da agroindústria, problemáticas no sistema carcerário, dívidas enormes dos países pobres africanos, contra o controle exercido pelo Fundo Monetário Internacional, pela falta de emprego e por precariedades ambientais.

A grande diferença de Seattle é demonstrar que essas demandas não eram apenas um amontoado aleatório e caótico, mas sim um rogo contra o sistema global. As problemáticas ali tratadas não eram de exclusividade do local das manifestações, mas encontraram eco em todo o mundo, principalmente se analisados outros protestos que ocorreram ao redor do mundo após os de Seattle. Outro ponto interessante diz respeito ao fato de que não havia um grupo centralizado e com um líder, pois os manifestantes se organizaram em rede: respeitando as singularidades existentes na multiplicidade (Thompson, 2000).

Por fim, cita-se a violência como diferencial em Seattle com a inserção da tática de Black bloc, que conta com uma depredação direcionada e intencional. Os Black blocs surgiram com o objetivo de questionar a ordem vigente, contra o capitalismo e, também, a globalização neoliberal. Não agridem pessoas, mas símbolos de poder. (Deusen & Massot, 2010). Um dos diferenciais sobre os Black blocs é que não há exigência de uma filiação previa, a força do movimento está justamente em sua diversidade.

Segundo a corrente histórica majoritária, o surgimento do grupo remonta há mais de 30 anos na Alemanha Ocidental. Cujas aparições mais marcantes ocorreram em 1980 durante o movimento autonomista e na Itália de 1970 por experiência autônoma operária. Em Frankfurt, o fato ocorrido foi na manifestação de 1º de maio de 1980 quando um grupo desfilava de preto (*Schwarzer block*, em alemão).

A tática utilizou-se dos princípios da auto-defesa, pois era uma resposta aos ataques policiais às ocupações e a outros espaços autônomos que ocorreram naquele momento. Posteriormente, em 1981 na Alemanha, o grupo de mobilizou

contra a energia nuclear e a nova pista de decolagem que estava sendo feita no aeroporto de Frankfurt. Houve outras grandes atuações em julho de 2001, na Itália, devido reunião do G8 em Gênova; 2011 em Londres; nas Marchas estudantis chilenas; no Egito em janeiro de 2012; e no Brasil em 2013. (Dupius-Déri, 2014.)

Mas essa tática chegou aos olhos da imprensa mundial, ou melhor, ocidental, somente por meio dos acontecimentos em Seattle/1999, estudados neste tópico. Nessa época, além de defesa, passaram a ser símbolo de ataque contra os significados ocultos do capitalismo e de resistência à globalização neoliberal (como GAP, NIKE e MC Donald's.). Seja por conglomerar multiplicidades de pautas distintas com um fundamento em comum, ou seja, por questionar a ordem vigente e trazer a violência ao cenário de manifestações do mundo contemporâneo, Seattle foi escolhida como um paradigma de estudo (França, 2014).

REFLEXOS

Segundo estudos de Hardt e Negri (2005), sempre que protestos de massa explodem, a primeira pergunta dos expectadores e da imprensa e de outros agentes políticos é indagar qual seria a pauta unificada e se existem propostas concretas de mudança: “o que vocês querem?”.

É um grande erro acreditar que somente a existência de um querer coletivo, uma pauta em comum, justificaria uma manifestação. O volitivo da junção de diversos setores da sociedade pode indicar um ponto: existe um grande “não” que é dado às autoridades sobre a ordem vigente, uma negativa que questiona os princípios neoliberais da estrutura do Estado.

No caso de Seattle, esse grande “não” abarcava todo poderio, centralização e segregação que a Organização Mundial do Comércio representa, ou seja, todo avanço neoliberal que desconsidera questões sociais, ambientais e de direitos humanos. Dentre os reflexos das manifestações de Seattle, cita-se o Indymedia, a demissão do chefe de polícia de Seattle e a significância de uma pauta anticapitalista nos EUA, estes todos tópicos que serão trabalhados com maior rigor ao longo do presente estudo.

A batalha de Seattle se viu midiaticizada por uma imprensa que não a compreendia, assim, se fez necessário um sistema alternativo e democrático de comunicação e informação: a Indymedia.

Gerida coletivamente pelos grupos participantes, a Indymedia, que foi criada para fornecer informações sobre as manifestações ocorridas durante a cúpula da Organização Mundial do Comércio em 1999, rompeu com o monopólio da notícia pelas grandes corporações da mídia. Nela, qualquer pessoa poderia propor uma informação que seria livremente distribuída e acessada, não só para os protestantes, como também para o público em geral. A grande inovação da Indymedia não é a criação de um paradigma teoricamente correto sobre as manifestações, mas sim a oportunidade de difusão de um lado diverso do que apresenta a mídia central. Ademais, essa propagação de ideias contribui para o

desenvolvimento de uma sociedade alternativa: que luta e protesta por seus direitos. (Hardt & Negri, 2005, p.385).

Não se pode deixar de mencionar o que significa uma luta anticapitalista em Seattle. Os Estados Unidos são conhecidos mundialmente por seus ideais de livre mercado e da livre concorrência, onde é possível ser e tornar-se o que se deseja, tendo o esforço e o merecimento como únicos fatores no caminho do sucesso. O que torna a realização do evento igualmente simbólica.

Essa lógica meritocrática, que exclui a problemática das desigualdades sociais e econômicas em detrimento de uma autonomia do mercado, viu-se altamente questionada pela batalha de Seattle. Para silenciar os manifestantes, o estado se encontrou forçado a enviar tropas policiais e reprimir as manifestações com bombas e balas. Mas, por fim, a força policial do município se viu deslegitimada e forçada a demitir o chefe de polícia de Seattle: Norm Stamper.

Outro impacto que ocorreu para a prefeitura da cidade foi o fato de ser processada por mais de 150 pessoas por motivo de prisão fora da área de não protesto durante os eventos da Organização Mundial do Comércio e sua condenação em mais de 250 (duzentos e cinquenta) mil dólares à título indenizatório. (Brunner & Young, 2004).

Em decorrência do exposto e da importância paradigmática que Seattle teve para os movimentos de resistências globais, os acontecimentos que deram nessa cidade em 1999 foram selecionados como modelo de estudo.

Assim, em seguida, será feita uma análise da movimentação de oposições no Brasil em comparação com o ocorrido nos protestos à época da referida reunião da Organização Mundial do Comércio com o objetivo de se encontrar traços comuns entre os dois movimentos.

JORNADAS DE JUNHO NO BRASIL

MANIFESTAÇÕES

As Manifestações que ocorreram em Junho de 2013 em todo o Brasil se deram de forma diferente das ocorridas em Seattle em 1999. Se na cidade estadunidense houve uma combinação prévia dos movimentos, em terras brasileiras houve uma explosão quase espontânea.

No início, as revoltas se deram em São Paulo, principal centro econômico do país, capitaneadas pelo Movimento Passe Livre, vulgo MPL, contra o aumento da passagem de ônibus. Contudo, rapidamente o sentimento de indignação com os cidadãos se espalhou pela nação brasileira e outras pautas importantes começaram a tomar voz nas ruas: pediam que a saúde, educação, segurança e inclusive a votação de projetos de lei específicos fossem postas em prioridade, assim como o governo brasileiro fez com as obras destinadas a realização da Copa do Mundo de Futebol de 2014.

As lutas tomaram corpo e voz nunca antes vistos por uma geração de jovens: todos os dias aconteciam manifestações ao redor do território brasileiro, algumas das vezes com mais de 250 mil pessoas nas ruas exigindo por mais direitos. Vários movimentos sociais puderam expressar suas lutas como, por exemplo, a ANCOP (Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa) e o MPL (Movimento Passe Livre) (G1, 2013).

A Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa reúne diversos Comitês estabelecidos nas cidades-sede dos jogos da Copa que fizeram contraponto aos gastos, mortes de trabalhadores, despejos de população carente, obras superfaturadas, ameaça à soberania brasileira pela FIFA e outras problemáticas advindas com os preparativos para os jogos de 2014.

Já o Movimento Passe Livre é um movimento apartidário e autônomo existente desde 2005, presente em várias cidades, sua pauta principal é um transporte público com tarifa zero, de maior qualidade e acessível para os seus usuários (Ancop, 2013). A mídia inicialmente criticou os protestos, pautando a desorganização dos líderes do movimento e também ao incômodo causado pela sua realização aos moradores das cidades. Contudo, ao perceber a enorme agregação de diversos setores aos mesmos, passou a apoiar (Nogueira, 2013).

Apesar disso, assim como em Seattle, buscou deslegitimar o movimento em muitas ocasiões ao afirmar que não existia uma pauta unificada nem propostas concretas de mudança. Além disso, quando os atos de vandalismo, os protestos por meio de depredação de patrimônio público e utilização da tática de Black block tomaram forma, a imprensa central buscou segregar no movimento aqueles que seriam justos e honestos dos que não seriam. Os manifestantes de bem poderiam continuar protestando, os demais deveriam sofrer repressão policial, traçando uma linha clara entre aqueles esclarecidos que buscavam melhorias concretas daqueles que causavam baderna e arruaça.

Assim como em Seattle, reuniam-se para manifestar os mais diversos setores sociais com pautas distintas. Estudantes, professores, médicos, advogados, sindicalistas feministas, coletivos negros e de diversas minorias reivindicavam seus direitos não com uma pauta única, com um apoio partidário unificado ou líder em específico, mas sim como um grande “não” atribuído aos gastos com a Copa em detrimento de mais saúde, educação e emprego.

Outro ponto em comum entre a batalha de Seattle e as Jornadas de Junho no Brasil diz respeito à consequência para o estado das repressões policiais. Ao passo que na cidade estadunidense a repressão culminou com a dispensa do chefe de polícia e certa coação por parte da população, a polícia brasileira também teve seus métodos altamente questionados.

A polícia, que já é reconhecida como repressiva nas favelas e nos morros brasileiros, usou de métodos como bomba de efeito moral, gás lacrimogêneo e bala de borracha em setores sociais que não estavam acostumados a isso durante as Jornadas de Junho. Muitos eram os estudantes de classe média e alta que participavam dos protestos e, para muitos deles, essa atitude policial fora inaceitável. Assim, a luta da desmilitarização da polícia se viu fortalecida e a necessidade de uma formação policial voltada para os direitos humanos foi legitimada.

Por fim, cabe dizer uma diferença entre os protestos que ocorreram em Seattle e Brasil. Se, por um lado, na cidade estadunidense era possível enxergar um movimento anticapitalista claro, no Brasil isso não foi possível.

Apensar de grupos de extrema esquerda e anarquistas, que se fizeram presentes durante as manifestações, terem fortes bandeiras contra o capital privado e especulativo, as pautas levadas por muitos eram pautas de consumo ou ligados à aspectos financeiros do Estado: reivindicavam que os gastos com as obras da Copa tivessem sido transferidos aos setores de saúde, educação e fomento do emprego; além da redução do preço da passagem de ônibus. Quando questionados sobre a ordem vigente, muitos discordavam de mudanças estruturais no sistema.

Tal assertiva de que a luta brasileira não era pautada por um movimento anticapitalista, sem prejuízo de manifestantes que tinha esse viés, se mostra confirmada inclusive ao se fazer um paralelo com as manifestações de 2014. Os protestos realizados durante a constância da Copa do Mundo de Futebol organizado pela FIFA não tiveram um terço da adesão do ano anterior e eram capitaneados por pautas de esquerda e socialistas.

REFLEXOS

Com a eclosão de revoltas no Brasil em 2013, vários reflexos puderam ser percebidos. Para fins de adequação ao texto, serão destacadas três principais consequências das manifestações, sendo que uma delas será analisada mais detalhadamente no tópico subsequente. São elas: a formação de uma mídia independente; as Assembleias Populares e a revogação do aumento da passagem em mais de 100 cidades brasileiras.

Ao modo do que ocorreu com a Indymedia nos Estados Unidos, foram utilizadas mídias independentes no Brasil para cobertura das manifestações, como a Mídia Ninja e o BH nas Ruas.

A chamada de Mídia NINJA (sigla para Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), já existia desde 2011 como desmembramento de um coletivo chamado Fora do Eixo, mas teve amplitude mundial de suas ações com a cobertura integral e *in loco* das Jornadas de Junho de 2013. Sua atuação é conhecida pelo ativismo político, como também, por se declarar uma alternativa a imprensa tradicional e centralizada; além da utilização de unidades móveis para cobertura em tempo real dos acontecimentos (Blumen, 2014).

Outro exemplo seria o BH nas Ruas foi uma página mantida na rede social Facebook gerida pelos alunos de comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais. Com informações advindas dos mais diferentes segmentos, a plataforma fazia cobertura ao vivo das manifestações e ajudava, inclusive, no apoio de manifestantes presos, denunciando possíveis desrespeitos aos direitos dos protestantes ou atitudes ilegais das autoridades públicas.

O segundo ponto a ser destacado são as Assembleias Populares Horizontais e, como serão tratadas em um tópico específico subsequente, passa-se à última

consequência final a ser analisada: a revogação do aumento da passagem em mais de 100 cidades brasileiras.

Assim como demonstra Pronzato (2014), as lutas contra o aumento da passagem de ônibus tiveram espaço não apenas em grandes centros urbanos como em cidades de médio porte, sendo essas espalhadas ao redor do território brasileiro.

Devido à grande associação de manifestantes das mais diversas classes sociais, uma medida do poder executivo elevando o preço da passagem seria extremamente impopular podendo, inclusive, comprometer futuros mandatos dos elegíveis, por tal motivo as autoridades públicas procuraram formas de amenizar politicamente a situação.

AS ASSEMBLEIAS POPULARES

CRIAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

A Assembleia Popular Horizontal, também conhecida como APH, foi criada no durante a eclosão das manifestações em Belo Horizonte e no Brasil de junho de 2013. Como havia necessidade de um espaço espontâneo, aberto, suprapartidário e horizontal de debate que permitisse o levantamento das reivindicações populares.

Além disso, procurou-se a organização da pluralidade de vozes de forma coordenada para obter resultados concretos e melhor organização durante os protestos, a criação foi de forma espontânea e necessária.

A primeira reunião se deu em 18 de Junho de 2013, debaixo do Viaduto Santa Tereza, região central de Belo Horizonte, local onde já aconteciam manifestações de contracultura, como o Duelo de MC's. O principal objetivo dessa sessão foi à busca por sistematizar as pautas do movimento e divulgá-las de maneira clara, bem como propor e realizar atos organizados na cidade visando uma resposta efetiva para as problemáticas em questão. Demais encontros ocorriam semanalmente e eram filmados para posterior divulgação de vídeos em redes sociais. As atas e fotos das reuniões também eram amplamente divulgadas.

A Assembleia Popular Horizontal de Belo Horizonte é pautada pela igualdade de fala e horizontalidade: qualquer indivíduo pode contribuir para os debates, independentemente de sua titulação acadêmica ou nível social, pois há igualdade de participação entre todos.

Cada sessão da Assembleia é um processo contínuo de construção coletiva, sobretudo a formulação a adaptação da metodologia, visando sempre o aperfeiçoamento das práticas que viabilizem a participação popular com eficiência, almejando que esse princípio seja reproduzido em outras esferas da sociedade.

A Assembleia se organizou em 12 grupos temáticos iniciais para facilitar o trabalho, catalisar as discussões acerca dos temas específicos e procurar ações concretas. São eles: 1. GT de Arte e Cultura; 2. GT de Democratização da Mídia;

3. GT de Educação; 4. GT FIFA e Mega Eventos; 5. GT de Meio Ambiente; 6. GT de Mobilidade Urbana; 7. GT de Reforma Política; 8. GT de Reforma Urbana; 9. GT de Saúde; 10. GT de Segurança Pública; 11. GT de Direitos Humanos; e 12. GT de Permacultura.

Além da criação desses eixos temáticos, foram criadas comissões formadas para organizar questões operacionais específicas da Assembleia Popular Horizontal como um todo, são elas: de comunicação; e de construção e disseminação das Assembleias. A Comissão de Comunicação é responsável pela divulgação das principais informações e eventos da Assembleia Popular Horizontal, bem como pela interligação entre os GTs e a própria Assembleia, mediação da página na rede social Facebook, e o contato com imprensa. Já a Comissão de Construção e Disseminação das Assembleias visa à propositura de Assembleias horizontais para as diversas regiões de Belo Horizonte e cidades vizinhas, a fim de disseminar a prática e aumentar a participação política do cidadão em pautas locais.

REFLEXOS

As principais consequências da Assembleia Popular Horizontal estão relacionadas aos reflexos que os Grupos de Trabalho obtiveram nas mobilizações da sociedade, as discussões levantadas ao público e implementações de atividades e soluções concretas. Outra decorrência importante reside no fato de que, mediante a formação de uma rede de contatos com as reuniões, outras pautas e movimentos sociais se fortaleceram e tiveram início.

No que tange o primeiro efeito, cabe dizer que o Grupo de Trabalho de mobilidade urbana se intensificou de forma a estabelecer um movimento chamado “Tarifa Zero”. Semelhante em alguns pontos com o MPL (Movimento Passe Livre) de São Paulo, ambos tem como principal pauta a luta pela mobilidade urbana como dever do município para todos de forma gratuita e usam intervenções urbanas como forma de protesto. Este foi o grupo de trabalho que melhor se desenvolveu e presta atividades até o presente momento (Veloso, 2014).

Dois outros Grupos de Trabalho que merecem menção são os GTs de Direitos Humanos e Saúde. O primeiro, em parceria com o Centro Acadêmico Afonso Pena e a Ordem dos Advogados do Brasil, foi responsável por catalisar a frente única de advogados que atuaram em defesa dos manifestantes. Muitas foram as prisões arbitrárias e a instauração de processos injustificados, assim, a presença de advogados dativos foi fundamental para a proteção dos direitos humanos e da ampla defesa daqueles que protestavam. Como também pelo acompanhante processual que ocorreu com o fim das manifestações.

Em segundo lugar, o Grupo de Trabalho de saúde teve o importante papel de ofertar medicamentos, avaliação, acompanhamento médico no local dos protestos e equipamentos para a proteção de manifestantes do gás lacrimogêneo e das bombas de efeito moral que a polícia atirava para proteger território da FIFA.

CONCLUSÃO

São inegáveis as similitudes entre Seattle em 1999 e o Brasil em Junho de 2013, dentre elas: a repressão policial; a necessidade de uma mídia alternativa; a atuação de Black Blocks; manifestantes de classes diferentes e de diversas orientações políticas; e o questionamento da ordem econômica e política.

Apesar de existirem também diferenças quanto ao cerne da questão, pois apesar de ambas as manifestações apresentarem um caráter de espontaneidade as que ocorreram em Seattle tiveram um apelo forte em desfavor do sistema neoliberal, ambas revelam uma junção de grupos distintos em prol de uma negação coletiva contra o modelo de atuação do Estado.

Mas no Brasil, especialmente em Belo Horizonte, além dos questionamentos levados através dos protestos, estabeleceu-se uma forma diferenciada de discussão de pautas: a Assembleia Popular Horizontal.

Em um país democrático tal metodologia não deve ser vista como uma exigência absurda ou inatingível, pois práticas democráticas nada mais são que processos civis de troca, comunicação e cooperação para a transformação. Assim, em um contexto de crise de representatividade política e de demandas sociais, surgiu espontaneamente e pela sociedade uma forma diferenciada de se fazer democracia, no qual todo cidadão detinha poder de voto igual a seus pares, como também, rejeitava-se a diferenciação de rotulações entre os envolvidos no processo de decisão coletiva fornecido por aquele grupo.

A chave das reuniões das Assembleias Populares de Belo Horizonte estava em seu método de tomada de decisões plural e multiníveis, com base em relações plurilaterais. Os encontros eram um motor constituinte de força para concretizar as ações de mudança, para a discussão de pautas reivindicatórias, no qual deveriam fomentar as ações da manifestação. Além disso, o espaço mencionado no estudo propiciou o encontro de diversas pessoas ao redor da cidade com um mesmo ideal: a transformação.

Como demonstrado no estudo comparativo entre Brasil e Seattle, ou como também pelos exemplos ofertados sobre o nascedouro da tática Black Bloc, a crise de representatividade é global. É preciso um movimento que retire a centralização da força e das decisões do poder executivo e deixe-a com os cidadãos.

É indispensável que o Estado repense a democracia e, como pressuposto, a forma com a qual se relaciona com o cidadão. As Assembleias Populares Horizontais são um paradigma interessante sob o qual deve repousar mudanças estruturais a serem tomadas pelo governo.

O exemplo da Assembleia Popular Horizontal de Belo Horizonte nasceu com a população em um momento de protestos e manifestações por mais direitos sociais e foi uma forma da própria população demonstrar que nada deve parecer impossível de mudar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ancop. *Nota de Repúdio*. Disponível em
<http://www.portalpopulardacopa.org.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=380:nota-de-rep%C3%BAdio-da-articula%C3%A7%C3%A3o-nacional-dos-comit%C3%AAs-populares-da-copa-ancop>. (Acesso em: 03 de outubro de 2014).
- Assembleia Popular Horizontal de Belo Horizonte. Disponível em: <<http://aph-bh.wikidot.com/sobre>>. (Acesso em: 03 de outubro de 2014).
- Blumen, F. (2014). *Ninjas do Jornalismo travam guerrilha pela liberdade da mídia*. Disponível em:
<<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/ninjas-do-jornalismo-travam-guerrilha-pela-liberdade-da-midia/>>. (Acesso em 03 de outubro de 2014).
- Brunner, J. & Young, B. (2004). *City to pay protesters \$250,00 to settle WTO suit*. The Seattle Times. Seattle: 2004.
Disponível em:
<<http://community.seattletimes.nwsourc.com/archive/?date=20040117&slug=wto17m>>. (Acesso em 03 de outubro de 2014).
- Deusen, D. V. & Massot, X. (2010). *The Black Bloc Papers*. Kansas: Breaking Glass Press.
- Dupius-Déri, F. (2014). *Um perfil histórico dos Black Blocs*. Folha de São Paulo.
França, V. V. L., 2014, *A secularização teológica do Black Blocs: uma santa profanação à Galileia antiga*. Comunicação em Anais do Seminário Copa da Exceção. Belo Horizonte: UFMG.
- G1 (2013). *Protestos pelo país reúnem mais de 250 mil pessoas*. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-reunem-mais-de-250-mil-pessoas.html>>. (Acesso em 03 de outubro de 2014).
- Hardt, M. & Negri, A. (2005). *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Löwy, M., 2005. *Walter Benjamin: Aviso de Incêndio – Uma leitura sobre as teses “Sobre o conceito de História”*. São Paulo: Boitempo Editorial.
Movimento Passe Livre. Disponível em: <<http://www.mpl.org.br/>>. (Acesso em 03 de outubro de 2014).
- Nogueira, P. Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-veja-sob-nova-administracao/>>. Acesso em 03 de outubro de 2014.
- Romero, S. & Neuman, W. (2013). *Sweeping Protests in Brazil Pull In an Array of Grievances*. *New York Times*. São Paulo: 2013. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2013/06/21/world/americas/brazil-protests.html?_r=0>. (Acesso em 03 de outubro de 2014).
- Pronzato, C. (2014). *A partir de agora: as Jornadas de Junho no Brasil*. Coletivo das Lutas RJ, Filme.
- Thompson, R. (2000). *30 Frames a Second: The WTO in Seattle*. White Noise Productions, Filme.

Veloso, A. *Um ano de tarifa zero BH*. Disponível em:
<<http://tarifazeroBH.org/wordpress/um-ano-do-tarifa-zero-bh/>>.
(Acesso em 03 de outubro de 2014).